



UMA EXPERIÊNCIA DE OFICINA PSICOSSOCIAL PARA SENSIBILIZAÇÃO ÀS QUESTÕES PROFISSIONAIS¹

A PSYCHOSOCIAL WORKSHOP EXPERIENCE TO RAISE AWARENESS OF PROFESSIONAL ISSUES

Aparecida Maria Stela Nunes Ferreira²
Bruna Coutinho Silva³
Gabriela Mateus Bebiano⁴
Talita Souza Silva⁵
Tamara Alessandra Santos Gomes⁶

RESUMO: Este artigo relata uma prática de Orientação Profissional (OP) realizada com jovens do projeto Escola Aberta, em uma escola municipal de Belo Horizonte. A metodologia de trabalho foi a Oficina Psicossocial (AFONSO, 2006), através de técnicas grupais e discussões, que promoveram reflexões sobre o futuro profissional. Percebemos que alguns jovens refletiram sobre suas opções contrapondo às dos pais, em busca de autorrealização. Discutimos sobre diversos dificultadores e possibilidades frente ao processo de escolha. Refletimos sobre idealizações e atuações profissionais concretas. Alguns jovens relataram compreender que as opções de escolha estão para além das “profissões que dão dinheiro”; que o ato da escolha deve ser pautado por suas preferências, habilidades e competências, sem desprezar o mercado de trabalho, suas exigências e oportunidades. Endossamos a relevância social das práticas extensionistas, como forma de aproximar Universidade e Comunidades e promover processos de autonomia pautados em reflexões compartilhadas.

PALAVRAS-CHAVE: Orientação Profissional; Sensibilização; Jovens; Reflexões; Possibilidades.

ABSTRACT: This article reports a Professional Orientation (PO) practice with young people from the Escola Aberta project, in a municipal school in Belo Horizonte. The work methodology was the Psychosocial Workshop (AFONSO, 2006), through group techniques and discussions, which promoted reflections on the professional future. We noticed that some young people reflected on their options in opposition to those of their parents, in search of self-realization. We discussed various difficulties and possibilities in the process of choosing. We reflect on idealizations and concrete professional actions. Some young people have reported that they understand that choice is beyond the "money making professions"; that the act of choice must be guided by their preferences, skills and competences, without neglecting the labor market, its demands and opportunities. We endorse the social relevance of extensionist practices, as a way to approach University and Communities and promote autonomy processes based on shared reflections.

KEYWORDS: Professional Orientation; Awareness; Young; Reflections; Possibilities.

1 INTRODUÇÃO

A prática de sensibilização em Orientação Profissional (OP) decorreu de uma proposta de prática extensionista no contexto de uma disciplina que trabalha com tal temática, no curso de Psicologia. Ela foi realizada com jovens na faixa etária de 15 a 22 anos, participantes do programa Escola Aberta em uma escola municipal de Belo Horizonte (MG).

¹ Trabalho orientado pelos professores Maria da Penha Zanotelli Felipe e Vilmar Pereira de Oliveira.

² Graduada em Psicologia pela PUC Minas, unidade São Gabriel. cidastelinha@gmail.com

³ Graduada em Psicologia pela PUC Minas, unidade São Gabriel. bcoutinho.psi@gmail.com

⁴ Graduada em Psicologia pela PUC Minas, unidade São Gabriel. gaby-bebiano@hotmail.com

⁵ Graduada em Psicologia pela PUC Minas, unidade São Gabriel. tata-souza08@hotmail.com

⁶ Graduada em Psicologia pela PUC Minas, unidade São Gabriel. tamaraalessandra1@hotmail.com

O objetivo principal da prática foi sensibilizar um grupo de jovens sobre a importância de estruturar seu projeto de vida, incluindo a escolha profissional. Através de tal intervenção, oportunizamos maior autoconhecimento para o grupo por meio das técnicas conectadas aos diálogos; potencializamos a autoexpressão como recurso para a compreensão de si no mundo; propiciamos uma experiência interpessoal de reflexões e produções voltadas para a escolha profissional; promovemos a reflexão acerca das possibilidades de inserção no mercado de trabalho e no contexto acadêmico; e promovemos a reflexão acerca das expectativas construídas para si, por si mesmo e pelos outros.

Essa prática está situada no contexto de um dos tripés da Universidade: a Extensão. A Extensão, que se integra ao Ensino e à Pesquisa, tem como objetivo promover conexões entre a academia e sociedade permitindo que os alunos operacionalizem os conhecimentos adquiridos na universidade a fim de promover a cidadania, a inclusão social e o desenvolvimento social, o que beneficia tanto à Universidade quanto à sociedade.

O público foi escolhido tendo em vista que a OP se volta, predominantemente, para o atendimento de sujeitos que estejam em etapas da vida em que há a necessidade ou oportunidade de tomada de decisão. A prática de OP no Brasil é tradicionalmente realizada com estudantes do ensino médio que estão passando por um momento de transição. “Além de marcar a entrada para a vida adulta, os jovens podem não ter clareza sobre a multiplicidade de profissões, áreas de estudo e cursos, o que pode acarretar conflito na escolha” (CAMPOS; NORONHA, 2015, p. 221). Neste sentido, optamos por sujeitos em idade de transição da adolescência para a vida adulta, uma vez que é um período especialmente marcado por questões que demandam uma escolha. Outro fator que atuou na escolha do público foi a premissa de realizá-la no contexto de escola pública de classe média baixa, objetivando atuar na desconstrução da concepção determinista de que jovens-adultos de classes menos favorecidas não podem pensar e escolher sobre o rumo de suas vidas, estando à mercê de sua condição socioeconômica.

A intervenção realizada visou promover a sensibilização dos participantes acerca da relevância da construção de um projeto de vida que passe pelo planejamento e reflexão sobre seus desejos, potencialidades e o cenário do mercado de trabalho. Por conseguinte, a prática visou primordialmente incitar a construção de um projeto profissional, uma vez que a atividade de trabalho enquanto fonte de renda e reconhecimento social constitui-se em um elemento central da existência humana em sociedade. A proposta foi realizada como sensibilização por ser uma primeira aproximação do processo de Orientação Profissional em grupo. Uma OP propriamente dita demandaria um planejamento mais extensivo e minucioso, enquanto a sen-

sibilização é uma forma de aproximar tanto os jovens quanto as graduandas de uma ação mais reflexiva e construída conjuntamente sobre escolhas profissionais e suas diversas implicações.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Um dos desafios psicossociais centrais à humanidade é o trabalho e seus desdobramentos na existência, sobretudo com o advento do modo de produção capitalista. Nesse contexto, portanto, a escolha profissional é possível e necessária uma vez que se torna fonte de renda para subsistência, além de permitir ao sujeito integralizar formação acadêmica e técnica ao trabalho (FALEIROS; LEHMAN, 2016; TESSARO; SCHMIDT, 2017).

A escolha profissional é um processo que envolve tanto a dimensão pessoal (características, aptidões, habilidades, interesses) quanto socioeconômica (mercado de trabalho, contexto social e cultural, fatores econômicos). O mercado de trabalho atual apresenta uma série de exigências aos jovens, como experiência profissional, habilidades técnicas, escolarização, sendo esta um dos pilares no discurso dos jovens para melhor inserção profissional (SOBROSA et al., 2015).

No caso dos jovens, a dimensão interpessoal também se destaca, principalmente relativa ao ambiente familiar, uma vez que “[...] as percepções das próprias capacidades e habilidades e das opções profissionais consideradas aceitáveis ou inaceitáveis também são influenciadas por discursos e valores que circulam no ambiente familiar” (SOBROSA et al., 2015, p. 316). Os genitores são figuras importantes no que diz respeito ao apoio às escolhas profissionais dos filhos.

Pode-se dizer que os pais influenciam os filhos por meio de ações práticas e também por influências de natureza subjetiva. Como exemplo, a formação educacional e o apoio financeiro estão situados na esfera das ações objetivas praticadas pelas figuras parentais. Já a aprovação ou reprovação de escolhas, cobranças e apoio são de ordem subjetiva (SOBROSA et al., 2015, p. 318).

De acordo com Sobrosa e outros (2015), a saída do ensino médio e a inserção na universidade ou no trabalho pode ser permeada por dificuldades para a maioria dos jovens, ainda mais se estes forem de classes econômicas desfavorecidas. Nesses casos, a escolha da profissão, do curso universitário ou técnico, caracteriza-se pela busca de equilíbrio entre o objetivo almejado e o que é possível de ser realizado. Os obstáculos e as oportunidades que são determinadas a partir do contexto social ou econômico ao qual o jovem pertence podem comprometer as chances de alguém ingressar em uma determinada ocupação. De acordo com a auto-

ra, frequentemente o indivíduo faz uma avaliação a respeito de sua possibilidade de acessar determinada profissão. Este julgamento interfere na decisão de uma possível alternativa ser considerada como viável ou não.

Segundo Silva (2016), a OP tem um papel importante e facilitador no momento da escolha profissional, mediante as transformações na economia mundial e no mercado de trabalho. Em uma época de grande inconstância no mercado empregatício é de grande valor para o jovem descobrir suas áreas de maiores habilidades e de dificuldades. Fonçatti e outros (2016) afirmam que este cenário de mutabilidade impacta na relação do adolescente com sua escolha profissional. Segundo os referidos autores, a realização da escolha profissional como um processo refletido adquire obstáculos próprios da “[...] temporalidade contemporânea (p. 104)”, sempre imediatista. Uma vez que o tempo para pensar sua condição é intrínseco à reflexão na qual se sustenta a escolha profissional, o trabalho da OP coloca-se como alternativa a essa lógica contemporânea, promovendo ações e decisões dos sujeitos sociais no campo do trabalho que sejam precedidas por uma real reflexão.

Inclusive os sentidos construídos socialmente para o trabalho precisam ser discutidos para se compreender como se dão as escolhas profissionais. Soares (2002) traz as diversas representações sociais vinculadas ao trabalho que têm relação com processos macrossociais, como o desemprego. O trabalho pode ser fonte de prazer, realização pessoal e crescimento na medida em que acontece em condições que permitem o crescimento do sujeito técnico, intelectual e cooperativo, além do que remunera adequadamente e oportuniza a ascensão profissional. Nesse sentido, cabe pensar que o trabalho pode ser uma forma dos sujeitos contribuírem para um mundo melhor para todos, que seria o princípio de responsabilidade social. Entretanto, o trabalho pode ser fonte de desprazer se não acontece em condições favoráveis, devido aos aspectos físicos, relacionais e macrossociais, como a sempre exigência de maior produtividade própria ao capitalismo. Pode decorrer disso a competitividade predatória, que gera a busca de poder e soberania sobre o outro, através da utilização de meios individualistas e não éticos.

Esses sentidos mudam conforme cada experiência, singular, mas de qualquer maneira devem ser compreendidos dentro de um processo maior, que é o da construção de carreira profissional. Segundo Ribeiro (2011, p. 16):

[...] a carreira, em função desse contexto de transformações, não deveria ser mais genericamente pensada como uma estrutura predeterminada, mas sim um projeto social em construção conjunta com o projeto de vida de cada indivíduo, sempre uma dinâmica relacional.

Neste caso, o papel da Orientação Profissional se torna de grande auxílio, contribuindo para que o indivíduo descubra quais as possibilidades e caminhos que ele pode tomar para se adequar a este quadro de constantes mudanças.

Em relação à identidade e à escolha profissional, partilha-se das ideias de Erikson (1987) para o qual a identidade só se concretiza quando o sujeito forma a resolução de três aspectos importantes: a escolha de uma profissão, a adoção de valores nos quais acredita e segundo os quais vive e o desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória. Para que isso seja possível, o jovem precisa confrontar as diversidades de opiniões dos grupos influenciadores com as suas próprias opiniões.

A identidade é um processo complexo, constituindo-se pelas relações entre o âmbito pessoal e o âmbito social, no que diz respeito a papéis e funções sociais desempenhadas em diferentes contextos (ex.: trabalho, família, escola), e relacional, por se expressar, confrontar e/ou confirmar nas relações de alteridade e socialização. Desse modo, é dinâmica e está sempre em desenvolvimento. A identidade permite a sensação e a percepção de uma continuidade de si mesmo, pelo processo de integração entre experiências e sentidos na vida de cada sujeito. Quando uma escolha profissional se dá de forma equivocada e em face às constantes transformações sociais e políticas nos modos de trabalho atuais, que cada vez mais se precarizam, o sujeito pode vir a realizar tarefas que considera penosas, levando a uma degradação de sua identidade pois o impossibilita de se reconhecer, se situar e apreender o significado de seu trabalho. Por outro lado, diante das mesmas circunstâncias, o sujeito pode vir a construir novos posicionamentos e sentidos para o trabalho, o que atravessará sua noção singular de identidade (SOARES; COSTA, 2011).

Ao colocar em debate os fatores determinantes para as escolhas profissionais do sujeito, seja da ordem familiar, social ou econômica, a OP atua na promoção da reflexão acerca de si próprio, suas preferências, habilidades e competências; mas também sobre o mercado de trabalho, suas exigências e oportunidades; e do que permeia as profissões, os campos de atuação subjacentes a cada uma, habilidades necessárias para seu exercício etc. (CAMPOS; NORONHA, 2015; FALEIROS; LEHMAN, 2016; TESSARO; SCHMIDT, 2017; SILVA, 2016).

Segundo Felipe (2000), na prática, longe da Orientação Profissional, os jovens têm escolhido profissões por base em identificações, estereótipos, modismos e comodismos. Isso torna-se alarmante, na medida em que se analisa as repercussões dessa escolha incerta para a inserção no mercado de trabalho. As escolhas realizadas nessas condições privadas de refle-

xão prévia tornam o sujeito mais vulnerável a arrependimento, repercutindo desde o abandono do curso à permanência em um outro insatisfatório. Conforme alertam Tessaro e Schmidt (2017), a evasão nos cursos de graduação, além da insatisfação com os cursos, tornaram-se fenômenos contemporâneos no mundo. No entanto, faz-se uma ressalva de que carreira profissional não deve ser encarada como imutável, mas sim como um processo em constante transformação e adaptação.

No que tange à dimensão macrosocial, diversos estudos apontam que jovens de classes populares são afetados por sua condição socioeconômica no sentido de se verem mais limitados em suas escolhas profissionais e desmotivados ou impotentes, mediante expectativa de insucesso. Além disso, os pais de tais jovens por estarem inseridos em trabalhos com remunerações e reconhecimento social baixos influenciam seus filhos pela baixa expectativa de satisfação pessoal e social na profissão e pela emergência de questões de subsistência da família, o que dificulta a exploração dos jovens de sua vocação (SOBROSA et al., 2015).

Ao avaliar a diferença entre trabalho e profissão, o jovem entende que é possível trabalhar em algumas funções ou empresas apenas pela subsistência e por determinado tempo, mas não se dispõe a suportar o sofrimento no trabalho, ainda que haja uma certa estabilidade. Desse modo, pode preferir encarar as dificuldades em busca de uma profissão que seja de maior realização pessoal. Afinal, é ao trabalho que dedica grande parte de sua vida.

A intrínseca relação entre qualificação e chances de empregabilidade se fortaleceu no século atual. Nas escolas, as diretrizes curriculares têm em vista a promoção do desenvolvimento de habilidades e competências para o mercado de trabalho (FALEIROS; LEHMAN, 2016). Quanto maior o grau de escolarização e qualificação, maiores as chances de acesso a melhores colocações no mercado de trabalho e de maior remuneração. No entanto, a escolha pouco refletida por uma profissão coloca em risco o processo de qualificação do sujeito, seja por culminar em variadas trocas de cursos, o que alonga o período de qualificação, seja por diminuir a motivação pelo curso, por não se tratar de algo de real interesse. Por consequência afeta diretamente a inserção e desempenho profissional do sujeito.

A escolha profissional é um momento determinante na vida de todo jovem. Ela é uma tarefa que o sujeito realiza de acordo com sua realidade social, influenciado pelas instituições que a compõem, como a família, grupo de pares (amigos), escola e sociedade. No processo de escolha profissional, essas instituições podem exercer o papel de: *pressionadoras*, por coagir para que o jovem escolha ou não uma determinada profissão; *ausentes*, por não se interessarem e nem participarem do processo de decisão do jovem; ou *facilitadoras*, por estarem

abertas para discutir as ideias, as dúvidas, as preocupações e as expectativas do jovem, participando de forma ativa no seu processo de escolha profissional (ERIKSON, 1987).

3 METODOLOGIA

A perspectiva adotada na prática enquanto metodologia de trabalho foi a Oficina Psicossocial (AFONSO, 2006), através de técnicas grupais. A Oficina consiste em um trabalho em grupo, estruturado e focalizado em torno de uma demanda, sendo que independe do número de encontros. Ela visa promover processos reflexivos, que perpassem não somente pela racionalidade, mas que, sobretudo, a integre aos sentimentos e amplie os modos de ação dos participantes. Desse modo, considera os significados e as vivências que se relacionam ao tema central a ser trabalhado grupalmente.

Esse tipo de intervenção psicossocial buscou articular as dimensões educativa e terapêutica, como nos diz Afonso (2006, p.34):

Como intervenção psicossocial, a Oficina tem uma dimensão ou *potencialidade terapêutica*, na medida em que facilita o *insight* e a elaboração sobre questões subjetivas, interpessoais e sociais. Também tem uma dimensão ou potencialidade pedagógica, na medida em que deslança um processo de aprendizagem, a partir da reflexão sobre a experiência. Possibilita uma elaboração do conhecimento desenvolvido sobre o mundo e do sujeito no mundo, portanto, sobre si mesmo.

Articular as dimensões educativa e terapêutica é promover espaços de reflexões colaborativas, de elaborações de vivências, de diálogos que conectam as experiências. Esses pressupostos são fundamentais para um processo de Orientação Profissional, ainda mais em encontros coletivos, pois a palavra circula, há o aprendizado da escuta e a convocação para um posicionamento frente às próprias dificuldades e potencialidades.

A Oficina Psicossocial exige planejamento flexível (AFONSO, 2006). Os coordenadores dos encontros têm uma visão global do trabalho, através de seu objetivo geral, se prepararam tecnicamente para realizar ações e estratégias em grupo, orientados pelos objetivos específicos e, simultaneamente, estão abertos para que o planejamento seja construído junto com o grupo.

Fonçatti e colaboradores (2016) afirmam que a correspondência entre as atividades realizadas e a demanda do grupo é aspecto fundamental para o êxito do processo, de modo que haja uma prática contextualizada e atenta às especificidades daquela intervenção. Em nossa experiência, a construção intersubjetiva foi possível pela atenção ao caminhar do grupo, ao

que as pessoas sugeriram e trouxeram como demanda. Este consiste em um pilar fundamental da Oficina Psicossocial: os coordenadores são facilitadores dos processos grupais que emergem, apoiando o encadeamento dos assuntos, as propostas de reflexões, ocupando de fato o lugar daqueles que escutam, acolhem, acompanham e impelem os participantes à autorreflexão ao longo do trabalho (LUIZ; PRÁ; AZEVEDO, 2014.)

A seguir, descrevemos o grupo com o qual se desenvolveu a intervenção, bem como o contexto na qual aconteceu.

3.1 Caracterização da organização e do projeto Escola Aberta

Trata-se de uma escola municipal (ensino fundamental) localizada no bairro Providência, região Norte de Belo Horizonte. Tem boa estrutura física e material, contando com laboratórios de informática e ciências e acessibilidade a alunos com deficiências, por exemplo; além da estrutura básica de qualquer escola. O bairro em que a escola se localiza pode ser considerado de classe média baixa, há muitas casas aglomeradas e um índice de violência mediano.

Desenvolvemos a prática extensionista com um grupo do Projeto Escola Aberta. O projeto acontece aos sábados e aos domingos, de 8h às 14h e é aberto a toda comunidade. Conta com cinco monitores, uma coordenadora do projeto e uma professora comunitária, que media a relação do projeto com a direção. São oferecidas as seguintes oficinas: Futebol; Informática; Capoeira; Percussão; Malabares; Brinquedos e Brincadeiras – trabalhamos com os jovens que participam desta proposta.

A Oficina de Brinquedos e Brincadeiras é coordenada por um monitor e nela acontecem atividades mais livres e mais estruturadas, dependendo da demanda do grupo e das orientações dos monitores e da coordenação do projeto. São exemplos de ações mais comuns: jogos de dança no videogame Xbox; gincanas; jogo das cadeiras; jogo de perguntas; jogo de tabuleiro Imagem & Ação; artesanato; rodas de conversa sobre assuntos que interessam aos jovens. São priorizadas atividades em que possa se trabalhar a coletividade, para desenvolver vínculos entre os jovens e ajudar com a timidez de alguns deles.

3.2 Caracterização do grupo

O grupo é composto por jovens com idades entre 15 e 22 anos. A maioria dos alunos são moradores da região, tanto do bairro Providência, quanto de outros bairros da região Norte; exceto um que mora na região Sul de BH.

O nosso público não estuda na escola, porque todos os participantes têm acima de 15 anos, e a escola vai até o 9º ano (ensino fundamental). Os alunos são estudantes de ensino médio ou já formados nesse nível de escolaridade. Grande parte demonstra interesse no ensino superior, principalmente as meninas; outros disseram ter interesse em cursos técnicos por serem mais curtos e objetivos, o que facilitaria a entrada no mercado de trabalho. São todos de classe média/ classe média baixa, esta, sobretudo. A Oficina de Brinquedos e Brincadeiras atrai alunos de ambos os sexos e é a única em que há participação de meninas. Existe um participante com deficiência física.

Quadro 1 - Composição do grupo de participantes

Sexo	Nº de participantes	Idade	Escolaridade
Maculino	6 (7 com o coordenador do grupo)	17 a 22 anos	Ensino médio em curso/completo; ensino superior em curso
Feminino	4	15 a 18 anos	Ensino médio em curso/completo

Fonte: elaborado pelas autoras.

3.3 Os encontros

A prática foi realizada em dois domingos com o intervalo de 15 dias devido a um compromisso do grupo, que também se envolve em projetos culturais como teatro e dança. As atividades realizadas usaram como suporte técnicas grupais e discussões que provocaram e permitiram reflexões sobre o futuro profissional. Vamos descrever as atividades desenvolvidas em cada dia.

3.3.1 Primeiro encontro (28 ago. 2016)

Iniciamos com uma apresentação pessoal, explicando as razões da realização do trabalho, os objetivos, a duração, agradecendo o aceite por parte do grupo. Prosseguimos com a Técnica “História do nome” (LISBOA; SOARES, 2000), em que todos são convidados a par-

tilharem: quem escolheu o nome? Por quais razões? Você gosta do seu nome? O objetivo da técnica consiste em conhecer um pouco da história de cada sujeito e conscientizar sobre as possíveis expectativas da família presentes na escolha do nome. Através dela, outrossim, é possível refletir sobre a escolha do nome *versus* escolha da profissão. O nome é algo que é nosso, mas não fomos nós que escolhemos. Com a escolha profissional isso pode ser diferente.

Depois, introduzimos o momento de sensibilização para a discussão sobre o mundo profissional, aliada aos aspectos da singularidade de cada sujeito presente, a partir da temática das expectativas de outrem sobre as escolhas profissionais. Para tanto, utilizamos a música “Fábrica” (RUSSO, 1986), bem como um trecho da crônica “Louco” (GIBRAN, 1985). Lemos ambos e conversamos sobre as expectativas de cada um (a) em relação ao ingresso no mercado de trabalho. O que espero? Quais caminhos profissionais “eu espero trilhar?” Como estou fazendo essas opções? Há quem as diga por mim? Como eu me posiciono frente a isso? Essas e mais reflexões conforme o diálogo que se estabeleceu. Através dessa técnica, buscamos compreender os sentidos de trabalho e profissão construídos na história de cada pessoa, as expectativas em relação ao mercado e as influências tanto dos valores pessoais quanto de outras pessoas, como amigos, familiares, professores, nas escolhas profissionais.

Ao fim, propusemos ao grupo que estes realizassem uma busca por informações acerca de profissões ou cursos que tinham interesse de exercer ou realizar, para que se aproximassem dos fazeres, deveres e oportunidades pertinentes aos mesmos.

Pedimos que trouxessem o que descobrissem para nosso próximo encontro, a fim de que discutíssemos o que fora encontrado, averiguando se mantiveram interessados nas mesmas, ou se surgiram impedimentos ou desinteresses com base da investigação.

Essas atividades são sintetizadas no quadro abaixo (Quadro 2).

Quadro 2 – Atividades no primeiro dia de encontro (28/08/16)

Horários	10h20 às 10h30	10h30 às 11h	11h às 12h
1º DIA	Apresentação do grupo de graduandas e da proposta	Técnica História do nome (LISBOA; SOARES, 2000).	Diálogo sobre as possibilidades de escolha profissional, por meio da música “Fábrica”, de Renato Russo (1986), e do trecho da crônica “Louco”, de Gibran (1985).

Fonte: elaborado pelas autoras.

3.3.2 Segundo encontro (11 set. 2016)

Neste dia, iniciamos retomando brevemente o que havíamos feito e conversado no primeiro encontro. Perguntamos acerca da realização da investigação sobre as profissões e cursos que tinham interesse e pedimos que compartilhassem conosco o que foi encontrado, bem como em que medida estas informações influenciaram no interesse pelo tema. Apenas uma pequena parte do grupo realizou a pesquisa, mas o que estes jovens que trouxeram compartilharam permitiu aos demais participarem de uma conversa acerca dos impedimentos circunstanciais à realização de cursos superiores, do retorno financeiro obtido pela qualificação profissional e das angústias frente à concorrência.

Em seguida, propusemos a realização da técnica “Marketing profissional” (adaptado de FRITZEN, 1978), em que cada jovem tem que representar uma profissão de sua escolha aos outros membros do grupo, sem dizer qual é, divulgando serviços e representando ações típicas do profissional. Através dessa técnica, o jovem vivencia uma situação próxima à atuação profissional, realizando contato com público “cliente”, o que lhe permite perceber sua capacidade de argumentação, bem como suas reações, sensações e sentimentos frente a essa experiência cuja escolha partiu dele.

Em seguida, conversamos sobre essa experiência e surgiu a ideia de um debate sobre a eutanásia, no contexto da opção profissional de uma participante. Realizamos, então, essa discussão livre.

Por fim, avaliamos o trabalho conjuntamente, sendo que os jovens se posicionaram sobre o que acharam, o que gostaram, o que não gostaram, em que essa experiência os tocou e os ajudou; e nós estudantes de Psicologia nos colocamos sobre como foi realizar essa prática com o grupo, o que sentimos e percebemos, além de agradecermos pela oportunidade e envolvimento de todos os presentes.

Essas atividades são sintetizadas no quadro abaixo (Quadro 3).

Quadro 3 – Atividades no segundo dia de encontro (11/09/16)

Horários	10h20 às 10h50	10h50 às 11h30	11h30 às 12h15
2º DIA	Técnica Marketing profissional (adaptado de FRITZEN, 1978).	Diálogo sobre as profissões representadas, as escolhas e as implicações.	Debate livre sobre eutanásia. Avaliação da prática e encerramento.

Fonte: elaborado pelas autoras.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na tentativa de facilitar a comunicação e envolver os participantes, iniciamos a técnica “História do nome” (LISBOA; SOARES, 2000) falando de nós mesmas. Enquanto falávamos, ficaram bem atentos. Alguns jovens não souberam dizer sobre a história de seus nomes ou sequer haviam pensado antes sobre o assunto. Em alguns casos, aqueles que sabiam um pouco acerca da origem do próprio nome evidenciaram as referências religiosas que estes carregavam; em outros, a relação que o nome teve com a expectativa dos pais com o gênero do bebê. Houve menções a nomes que foram escolhidos em lembrança a pessoas de referência para a família do participante. Apoiados no que foi compartilhado, pudemos refletir sobre como somos atravessados por expectativas de outros desde muito cedo e de como se está lidando com estas expectativas até o momento. Concluímos essa técnica avaliando que não escolhemos o próprio nome, e, provavelmente, no curso da vida não teremos direito a certas opções, entretanto, é possível decidir sobre a escolha profissional

Segundo a leitura da música “Fábrica” (RUSSO, 1986) e de um trecho da crônica “Louco” (GIBRAN, 1985) foi possível discutir com os jovens sobre suas expectativas profissionais, bem como as influências exercidas pelo meio familiar. No decorrer da discussão, muitos jovens relataram que as famílias apresentavam sugestões e até mesmo uma certa pressão na escolha de seus cursos e futuras profissões. Alguns até demonstraram certo interesse em segui-las, outros, no entanto, apresentavam escolhas totalmente divergentes das sugestões familiares. Alguns gostariam de ser músicos, mas relatam que seus familiares não os apoiam devido às diversas dificuldades no que tange ao mercado de trabalho e à remuneração. Outros disseram que iriam em um primeiro momento procurar uma profissão que fosse financeiramente rentável para só depois que estivessem estáveis financeiramente procurarem se realizar profissionalmente. Um dos jovens relata que gostaria de deixar o exército e investir na carreira de Músico, mesmo sabendo que é uma profissão difícil e que nem sempre se obtém retorno financeiro. Porém, para evitar confrontos com os pais, irá terminar o período de vínculo com o exército brasileiro para depois realizar a sua vontade.

Em relação à influência da família na escolha profissional dos jovens, Almeida e Magalhães (2011) relatam que o indivíduo não faz seus planos e escolhas de maneira pura, uma vez que o mesmo é atravessado pelas suas vivências (situação social, econômica e política) sofrendo influências de diversas dimensões, inclusive da família. De acordo com os autores, a formulação de possíveis projetos profissionais é parte do processo de maturação do indivíduo que está inevitavelmente ligado às transformações ocorridas em sua família e nas estruturas

sociais e econômicas. Sendo assim, de certa forma os filhos ficam incumbidos pelo sucesso, prestígio e ascensão social da família. Este fato é evidente na fala de alguns jovens, os quais relatam no primeiro encontro a preocupação dos familiares diante da remuneração das profissões escolhidas pelos jovens, e em outros casos a preocupação financeira partiu dos próprios jovens.

Um ponto comum de grande preocupação e até mesmo encarado como impedimento por muitos para a entrada na universidade foi a questão financeira de entrar e se manter matriculado em um curso superior. Um jovem levantou a possibilidade de trabalhar em um período do dia e estudar em outro, mas ressaltou a dificuldade de conseguir um emprego de meio período e das dificuldades de conciliar as duas tarefas mantendo um bom desempenho em ambas. A partir dessa discussão, levantamos com o grupo as possibilidades de entrar em curso superior obtendo a isenção total ou parcial das mensalidades, como os projetos do governo que são voltados para a entrada na universidade como o ProUni, Educa Mais Brasil, FIES, e até mesmo programas de algumas universidades particulares que oferecem facilidade no pagamento das mensalidades através de colocações no vestibular, pontuação no ENEM, entre outras possibilidades.

Foi possível perceber que no decorrer da discussão sobre a escolha profissional alguns jovens que se mostraram balanceados diante da influência da família e realizaram uma reflexão contrapondo às opções dos pais, os levando a pensar sobre o que é melhor para si mesmos. Foi perceptível como a OP contribui para esse aspecto de desenvolvimento da autonomia, poder de ação, decisão e auto expressão junto a este grupo de jovens.

No segundo dia, quando questionados sobre a investigação que propusemos que fizessem sobre os cursos e profissões de interesse, alguns jovens aceitaram compartilhar conosco o que acharam. Foi interessante ver as fontes que subsidiaram a investigação destes. Alguns recorreram à pesquisa à internet, mas outros foram conversar com profissionais que já estavam na área que tinham interesse. Essa atividade sensibilizou a discussão em muitas direções.

Em um primeiro momento, foi possível suscitar a discussão sobre a diferença entre o que eles achavam que era a atuação da profissão e o exercício da mesma. Neste ponto, apareceram reflexões dos jovens de como a profissão é mostrada na mídia e de como é a real atuação do profissional, e que os campos de atuações superaram as suas expectativas. Diante dos relatos, percebemos que alguns jovens que tinham mais de uma opção de escolha, começaram a inclinar sua fala para uma das profissões pretendidas em relação às outras, mas sem descartá-las.

A queixa de um dos jovens sobre a invariabilidade de cursos oferecidos nas faculdades mineiras provocou uma reflexão sobre os dificultadores ambientais que se impõe à escolha. Alguns jovens se diziam interessados por cursos (Arqueologia e Biologia Marinha) que, após terem pesquisado, descobriram que não eram oferecidos pelas faculdades do estado⁷. Alguns lhe questionaram se não haveria outro curso que tivesse interesse ou se ele teria condições de realizar o curso fora. Essas perguntas levaram a uma conversa sobre os complicadores que a realidade impõe e as alternativas que, enquanto sujeitos de escolha, estes podem criar a fim de que não se resignem frente àqueles. Através deste movimento do grupo junto a ele, o jovem pôde pensar em outros interesses profissionais que eram mais conciliáveis com suas condições.

Fundamentado nas contribuições e reflexões desse jovem, o grupo começou a questionar outros impedimentos que perpassavam a escolha destes, tal qual a comum disponibilidade de vagas insuficientes para a quantidade de candidatos no vestibular. Mostraram-se preocupados com a atual conjuntura do país, no que tange às repercussões para as oportunidades de entrada no ensino superior. Neste momento pudemos perceber as potencialidades do trabalho de OP em uma abordagem grupal, como nos afirma Levenfus (2004). Houve uma intensa troca de experiências, na medida em que as descobertas de um membro ampliam a percepção dos demais. Em nosso trabalho este processo aparece no movimento realizado pelo grupo. O grupo auxiliou na reflexão de uma questão angustiante para um membro, produzindo novas questões para o grupo, que repercutiam em reflexões individuais.

A técnica “Marketing das profissões” permitiu que víssemos e ouvíssemos diferentes representações sobre expectativas de atuação profissional. Para citar como exemplo, os jovens representaram: músicos, promotores, policiais civis, arqueólogos, jornalistas, apresentadores de televisão, professores, produtores culturais, programadores no campo de tecnologias de informação, engenheiros civis. Dentre os participantes nesse dia, apenas três jovens realizaram pesquisa anterior, que solicitamos no primeiro encontro. Uma jovem realizou uma pesquisa de campo, ao conversar com um policial civil; os outros dois jovens pesquisaram na internet o que é a profissão (Produtor Cultural e Arqueólogo), o que se faz, onde há formação técnica e educacional, qual a duração e o valor do curso, como é a grade curricular, qual o salário aproximado/estimado etc. Em conformidade com os autores (CAMPOS; NORONHA, 2015; FALEIROS; LEHMAN, 2016; TESSARO; SCHMIDT, 2017; SILVA, 2016) vimos

⁷ Como essa questão surgiu no segundo e último encontro, posteriormente, as alunas verificaram que o curso de Arqueologia é ofertado como uma das ênfases que se desdobram dentro do curso de Antropologia na UFMG; o que foi informado ao jovem.

como a OP, ainda que numa modalidade de sensibilização, se torna contexto para o reconhecimento de habilidades e competências, bem como de conhecimento do mercado de trabalho, o que exige e o que oferece. Por outro lado, ouvimos e vimos representações profissionais muito pautadas em estereótipos, com base em informações que podem ser ilusórias, como a de altas remunerações ou a de possibilidade imediata de ingressar no mercado, bastando o talento ou a formação técnica ou superior.

A literatura aponta uma estreita relação entre evasão universitária e a escolha profissional realizada desprovida de informações prévias sobre o curso, ou apenas ancorada em informações estereotipadas (FONÇATTI et. al., 2016; TESSARO; SCHMIDT, 2017). Neste sentido, investimos no aprofundamento destas questões no decorrer do processo. Trabalhamos com os jovens o quão importante é conhecer a profissão, pesquisar sobre o que se aprende nos cursos profissionalizantes da área de interesse, sejam de nível técnico ou superior; conversar com trabalhadores da área; ver como o profissional trabalha, visitando locais (os que permitirem isso) ou por meio de vídeos que filmam o cotidiano de trabalho. Dessa forma, os jovens estarão mais cientes do que irão aprender e de que passos terão que tomar para tal, de modo que se profissionalizem em determinadas áreas, já conhecendo aspectos da área com os quais tem mais afinidade e facilidade e os desafios que virão pela frente. Além disso, refletimos sobre como a remuneração é um aspecto instável, dependendo tanto da profissão quanto do mercado, e também do tempo de trabalho. Ou seja, tem profissionais que podem entrar no mercado ganhando salários altos, ou não; tem aqueles que conseguirão aumento de remuneração e de níveis na carreira somente com determinado tempo de serviço; tem profissões que diante do cenário atual brasileiro podem ser consideradas em “alta”, outras em “baixa”, em termos de contratação, em determinadas subáreas de atuação.

Uma das jovens, ao dizer de suas perspectivas profissionais, expôs a dúvida quanto ao ramo do Direito que poderia seguir. Ela compartilhou que a promotoria poderia ser sua melhor opção, justificando isso por pensar que nessa profissão a pessoa não está no lugar de quem defende situações injustas, como os advogados, por exemplo. Partilhou sua angústia de ter que defender posições e ações de outrem nos quais não acredita. A jovem exemplificou tais situações que não acredita. Por exemplo, uma situação de aborto. Ela acredita que as mulheres devem ter a liberdade de escolha quanto a isso, no entanto, a legislação brasileira define o aborto como crime. Em concordância com os autores estudados (CAMPOS; NORONHA, 2015; FALEIROS; LEHMAN, 2016; TESSARO; SCHMIDT, 2017; SILVA, 2016), vê-se o quanto que os valores e preferências do sujeito são fatores condicionantes de um processo de escolha profissional. Endossamos para os jovens participantes da Oficina o quão importante é

darmos voz aos nossos valores, que podem se pautar em ideias de um mundo melhor, com mais justiça social, liberdade, equidade, respeito, colaboração. Desse modo, a profissão passa a ser uma escolha que condiz com o que se considera ser algo interessante tanto para o próprio desenvolvimento pessoal, quanto interpessoal, com atenção no que acreditamos e defendemos como modo de viver e de se conduzir na vida, inclusive na profissão.

A fala da jovem sobre o aborto levou outros jovens a partilharem seus pensamentos e opiniões sobre o assunto. Até comentaram que costumam fazer muitos debates sobre temas polêmicos e que gostam muito. A partir desse tema, conversamos ainda sobre eutanásia e seus dilemas frente a todos os fatores que complicam essa escolha: o país onde se vive e sua legislação, as condições nas quais se mantém uma pessoa “viva”, o desejo da pessoa, as expectativas da família, entre outros.

No fechamento da nossa Oficina, houve jovens que relataram que ainda não haviam se decidido por qual profissão escolher, mas disseram que todas as discussões que tivemos em conjunto foram importantes para que eles começassem a pensar sobre a escolha da profissão. Alguns relataram compreender que as opções de escolha estão para além das “profissões que dão dinheiro”, que o ato da escolha deve ser pautado diante das suas preferências, habilidades e competências, mas sem desprezar o mercado de trabalho, suas exigências e oportunidades.

Além disso, os jovens disseram que foi uma ótima oportunidade para ouvirem uns aos outros, se conhecerem melhor, principalmente, aos mais tímidos. Uma jovem, por exemplo, que dramatizou a profissão de Engenharia Civil, se viu surpresa consigo mesma uma vez que não costumava se expressar no grupo em relação às suas opções profissionais ou mesmo gostos pessoais e sonhos.

Os jovens colocaram que gostariam de que fôssemos mais vezes, tanto para desenvolver um processo de OP quanto para discutirmos livremente sobre vários temas, simular júris etc. Nesse dia, ficamos de marcar uma visita à UFMG e em outras instituições de ensino superior, para que os jovens circulem nesse ambiente, conheçam um pouco de sua cultura e funcionamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização da prática, espera-se que os jovens participantes se sintam mais seguros mediante ao futuro, no que se diz respeito a profissão a ser escolhida e seguida. Em curto prazo, essa sensibilização possibilitou aos jovens conhecerem mais sobre as próprias habilidades e limitações, os riscos que uma escolha oferece, os prós e contras de cada opção

escolhida. Houve diálogos sobre os medos e receios sobre o futuro, e, ao compartilharem, os jovens perceberam que suas angústias também são vividas de diferentes modos pelos amigos e colegas, o que pode diminuir sua ansiedade frente a esse processo de reflexão sobre profissões.

A prática permitiu que eles pudessem fazer um levantamento das áreas de seus interesses, de forma incipiente para alguns, e mais profunda para outros. Diante disso, ouvimos que se sentem mais capazes de refletirem e de se posicionarem frente às suas escolhas, ou opções, e seus planos para o futuro, caminhando para que suas decisões sejam tomadas de maneira autônoma e singular, levando em consideração o contexto social e econômico.

Com as discussões que foram realizadas ao longo da atividade, esperamos que os jovens atendidos se sintam mais preparados ao realizarem suas escolhas e que as reflexões acerca das possíveis profissões que foram levantadas tenham sido válidas e que façam diferença no ato da escolha.

Enquanto graduandas em Psicologia, endossamos a relevância social das práticas extensionistas e, nesse caso em especial, tanto das propostas de sensibilização quanto do processo mais aprofundado de OP. Realizar essa prática foi uma forma de disseminar conhecimentos sobre o processo de escolher de forma consciente e refletida, a partir de um trabalho coletivo entre Universidade e Comunidade. Desse modo, o processo de formação em Psicologia contempla o aprendizado de intervenções psicossociais, o que amplia nossos conhecimentos para além da sala de aula e em construção com os sujeitos que vivenciam os processos, sentimentos, momentos que vimos refletindo.

Por fim, em consideração ao estudo cuidadoso sobre a produção científica e bibliográfica na área de OP, destacamos que Ambiel, Campos e Campos (2017) constatam a diminuição na produção de artigos teóricos da área, o que indica a necessidade de se produzir teorias mais atuais para subsidiar as presentes e futuras pesquisas e intervenções no âmbito da OP. Outros apontamentos fundamentais feitos pelos pesquisadores é a necessidade de se abordar diversas populações nos estudos, de se promover avaliação da eficácia dos processos de OP, bem como a importância de se pautar políticas públicas no âmbito da OP. Por fim, se forem considerados os estudos internacionais mais modernos, novas teorias e paradigmas, além de novas modalidades de carreira, tal qual o empreendedorismo, será possível se ampliar as interseções entre os saberes no campo da OP para além do âmbito educativo, como a interface com a Psicologia do Trabalho e a Psicologia Clínica (AMBIEL; CAMPOS; CAMPOS, 2017).

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia M. (Org.) **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba de; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 205-214, dez. 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v12n2/08.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

AMBIEL, Rodolfo A. M.; CAMPOS, Maria I. de; CAMPOS, Priscilla P. T. V. Z. Análise da Produção Científica Brasileira em Orientação Profissional: Um Convite a Novos Rumos. **Psico-USF**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 133-145, jan./abr. 2017. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/4010/401050855013.pdf>>. Acesso em: 3 jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712017220112>.

CAMPOS, Roberta Ramazotti Ferraz de; NORONHA, Ana Paula Porto. A relação entre indecisão profissional e otimismo disposicional em adolescentes. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 24, n. 1, p. 219-232, mar. 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v24n1/v24n1a11.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2017. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2016.1-15>.

ERIKSON, Erik H. **Identidade juventude e crise**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

FALEIROS, Nayara de Paula; LEHMAN, Yvette Piha. Desafios na implantação da educação para a carreira no contexto escolar brasileiro. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 233-243, dez. 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v17n2/11.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

FELIPPE, Wanderley Chieppe. **Orientação Vocacional, profissão e globalização**. VIII Jornada da Clínica de Psicologia, realizada em Belo Horizonte, na PUC-MG, nos dias 15 a 17.03.2000.

FONÇATTI, G. et al. Oficina de orientação profissional: construindo estratégias de intervenção para feira de profissões. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 103-113, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v17n1/11.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

FRITZEN, Silvino José. **Exercícios práticos de dinâmica de grupo**. V.2. Petrópolis: Vozes, 1978. Técnica Marketing Profissional recriada por Wanderley Chieppe Felipe e Maria da Penha Zanotelli Felipe.

GIBRAN, Khalil. **O Louco**. Rio de Janeiro: Editora ACIGI, 1985.

LEVENFUS, Rosane Schotgues; SOARES, Dulce Helena Penna. **Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa**. Porto Alegre: Artmed, 2002. 436p.

LISBOA, Marilu Diez; SOARES, Dulce Helena Penna. **Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores.** São Paulo: Summus, 2000.

LUIZ, George M. de; PRÁ, Rayany M. D.; AZEVEDO, Renata C. Intervenção psicossocial por meio de oficina de dinâmica de grupo em uma instituição: relato de experiência. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 245-260, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/viewFile/22770/16502>>. Acesso em: 3 jan. 2018.

RIBEIRO, M. A. Sexta demanda-chave para a Orientação Profissional: como ajudar o indivíduo a construir dinamicamente sua carreira em um mundo em transição? In M. A. Ribeiro e L. L. Melo-Silva (Orgs.). **Compêndio de orientação profissional e de carreira, volume 2: enfoques contemporâneos e modelos de intervenção.** São Paulo: Vetor, 2011, p. 15-51.

RUSSO, Renato. Fábrica. In. LEGIÃO URBANA. **Dois.** Rio de Janeiro. EMI. 1986. 1 CD.

SOARES, Dulce H. P. (Org.). **Pensando e vivendo a orientação profissional.** São Paulo: Summus, 1993.

SOARES, Dulce H. P. **A escolha profissional: do jovem ao adulto.** São Paulo: Summus, 2002.

SOARES, Dulce H. P.; COSTA, A. B. **Aposent-Ação: aposentadoria para ação.** São Paulo: Vetor, 2011.

SOBROSA, Gênesis Marimar Rodrigues et al. Influências percebidas na escolha profissional de jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 314-333, ago. 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v21n2/v21n2a07.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2017. <http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2015V21N2P313>.

SILVA, Laura. Estudo sobre a Orientação Vocacional e Profissional - Escolhas. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 239-244, ago. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v20n2/2175-3539-pee-20-02-00239.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-353920150202957>.

TESSARO, Débora; SCHMIDT, Beatriz. Escolha profissional: teoria e intervenções sistêmicas voltadas ao adolescente e à família. **Pensando famílias**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 92-104, jul. 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v21n1/v21n1a08.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2017.